

Soné que te encontrabas junto al muro
glacial donde termina la existencia,
paseando tu magnífica opulencia
de doloroso terciopelo obscuro.

Tu pie, decoro del marfil más puro,
hería, con satánica inclemencia,
las pobres almas, llenas de paciencia,
que aun se brindaban a tu amor perjuro.

Mi dulce amor que sigue sin sosiego,
igual que un triste corderito ciego,
la huella perfumada de tu sombra,
buscó el suplicio de tu regio yugo,
y bajo el raso de tu pie verdugo
puse mi esclavo corazón de alfombra.

Decoración heráldica

Surgió tu blanca majestad de raso,
toda sueño y fulgor, en la espesura;
y era en vez de mi mano – atenta al caso –
mi alma quien oprimía tu cintura...

De procaeces sulfatos, una impura
fragancia conspiraba a nuestro paso,
en tanto que propicio a tu aventura,
llenóse de amapolas el ocaso.

Pálida de inquietud y casto asombro,
tu frente declinó sobre mi hombro...
uniéndome a tu ser, con suave impulso,
al fin de mi especioso simulacro,
de un largo beso te apuré convulso,
hasta las heces, como un vino sacro!

Consagración

Hurí de gemas, en moderna posa,
– peinado de alas, floreciendo finas
sedas de Holanda y blondas bizantinas –
eras sonrisa y astro y mariposa...

El campo te acogió con olorosa
langüidez, en la tela vespertina
se ilusionaron para tu retina
vagos Alhambras de heliotropo y rosa...

A las postreras relaciones bronce
del sol, te amé por vez primera: entonces
temblamos en la unión de aquel poniente,
como dos niños, bajo el olmo espeso,
a punto que en la hostia de tu beso,
se alzó mi alma, luminosamente!...

* Azul

SELEÇÕES EM FOLHA

Ano XIV, Nº 12 – 2010 DEZEMBRO

Assinatura até 31.12.11: 12 selos postais de 1º Porte Nacional
Não-comercial (R\$ 0,70) ou informe seu e-mail para remessa mensal grátis.

Delicie-se com obras mestras de Contos e Poesias!

www.haiku.sf.nom.br

Quizá tú fueras aún niña
– oh remota y dulce época –
y cantaras en el corro,
al aire sueltas las trenzas.
y yo sería un rapaz
de los que van a la escuela,
de los que hablan a las niñas,
de los que juegan con ellas.

Gerardo Diego 1896-1987, Sueños,
Versos Escogidos, 1970
Editorial Gredos, S.A., Madrid

Na varanda, um quadro lindo:
a jovem mãe e a criança:
– Era a ternura sorrindo,
amamentando a esperança!

A. A. de Assis 1010, Navegando
nas Poesias: CP 114566
Ag. Campos, 28001-970 RJ

Pegue a peteca, pimpolho,
bata com a palma da mão;
pra menina pisque o olho,
dê pra ela o coração...

A. M. A. Sardenberg

Seria o mundo outro mundo,
seria o mundo ideal,
se cada noite, no mundo,
fosse Noite de Natal!

Aloísio Bezerra

A todo mundo insinuas
que não mando no que é teu,
mas tenho saudades tuas,
e o dono delas sou eu!

Coubert Rangel Coelho

Um momento de ternura
e de bastante alegria
é encontrar grande amigo
que há muito a gente não via.

Humberto Oriá, 1007
Pantanal Poético: CP 112,
79300-970 – Corumbá, MS

Me afogo feliz e amante
se mergulho em desvelos,
na bela, negra e brilhante
cascata dos teus cabelos.

Cynira A. de Moura

No tilintar dos cristais
o champagne anuncia
uma quieta embriaguês
de saudade e alegria!

Larissa Lacerda Menendez

Sou livre, sem restrição,
mas afinal, para quê?
Mil vezes a escravidão...
mas juntinho de você.

Dorothy J. Moretti

Bilhete de loteria!
Seu preço vale a ilusão
de sonhar até um dia...
Dia de sua extração.

Manoel F. Menendez

Velho amor da mocidade,
que ao tempo não se curvou,
minha musa tem a idade
do poeta que ainda sou!

Edmar Japiassú Maia

Já não há mais discordância
no que diz esta verdade:
quem inventou a distância,
nem se lembrou da saudade.

Miguel Russowsky, 1008, Fanal:
Rua Álvares Machado 22, 1º
01501-030 – São Paulo, SP

Senhor Deus, misericórdia,
se na soma dos meus dias
tantas vezes fui discórdia
e não a paz que querias!


Eliana Dagnar

Trovia, Ano 10, número 116, agosto 2009, para correspondência, A. A. de Assis: Rua Arthur Thomas 259, Ap 702, CEP 87013-250 – Maringá, PR

1. Preencher até três haicus, (veja quigos ao lado, à
escolha) em uma única ½ folha de papel, com
nome, endereço e assinatura. Despachá-la normal-
mente pelo correio e/ou e-mail com nome, **endere-
ço** e **CEP** do remetente, até o dia 30 do respectivo
mês.

2. Posteriormente o haicuísta receberá, devidamen-
te numerada, a relação dos haicus desse mesmo
mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a
devida correção em tempo hábil), afim de selecio-
nar 10% deles.

SELEÇÕES MENS AIS FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

Até o dia 30.01.11, enviar até 3 haicus de quigos: Domingo de Ramos, Orvalho, Sardinha. 
Até o dia 28.02.11, enviar até 3 haicus de quigos: Crisântemo, Dia da Aerofoça, Pica-pau.

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez

Rua Des. do Vale 914, Ap 82
05010-040 - São Paulo, SP

ou mfmendez@superig.com.br



QUIDAI S DE VERÃO – TEMAS DO VERÃO

Enorme edifício!
Multidão se aglomerando.
Dia do Arquiteto.


Analice Feitoza de Lima

Bacia e canudo.
Bolhas de sabão no ar.
Menino brincando. N

Angélica Villela Santos

Num primeiro plano
girassóis, além, o céu:
ouro sobre azul...

Darly O. Barros

O hino tocando,
os alunos perfilados.
Dia da Bandeira. 

Djalda Winter Santos

Jornal cedo esvai
guri gritando ser Dia
do Jornaleiro, uai!

Fernando L. A. Soares

Na mesa do bar,
travessa de caranguejos.
Aperitivo!

Helvécio Durso

As brancas trombetas,
com seu perfume, anunciam:
– jasmineiro em flor.

Maria Reginato Labruciano



HAICUS E M FOLHA

BOM NATAL, FELIZ ANO NOVO

Maitê Lacerda Menendez Prados (28.08.10), Caetano Lacerda Menendez Prados (18.09.08),

Larissa Lacerda Menendez, Lúvia Lacerda Menendez, Maria Iracema Gomes Lacerda Menendez, Cássio Caio Prados, Edmilson Felipe da Silva, Manoel Fernandes Menendez

Procurando a luz,
as mariposas voando
morrem no abajur. E

Alba Crhístina

Sagrada Família,
Papai Noel, pinheirinho...
Cartão de Natal. B

Angélica Villela Santos

Desassossegada,
mariposa dando voltas
na lâmpada acesa. B

Analice Feitoza de Lima

Tarde de verão.
Nuvens escuras no céu.
É toró na certa. P

Angélica Villela Santos

Toró despencando.
E pela enchente rolando
folhas na calçada. H

Analice Feitoza de Lima

As luzes da sala
atraem a mariposa.
Janela aberta. V

Angélica Villela Santos

Cartão de Natal.
Loira menina abraçando
o Papai Noel. V

Analice Feitoza de Lima

Carteiro apressado,
vai entregando nas casas,
cartão de Natal. E

Argemira F. Marcondes

Nuvens carregadas,
céu escuro, ventos fortes,
aí vem toró. P

Argemira F. Marcondes

Em volta da luz,
gira, gira, a mariposa
até se cansar. V

Argemira F. Marcondes

Ao redor da chama
esvoaça a mariposa.
Asa queimada! A

Cecy Tupinambá Ulhôa

Tumulto na rua,
todos procuram abrigo.
Toró chegando. H

Cecy Tupinambá Ulhôa

Sobre a toska mesa,
ao redor de um lampião,
mariposas mortas... E

Darly O. Barros

Tempos modernos:
via computador,
cartões de Natal. H

Darly O. Barros

Depois do toró,
criança da rua
brinca em poças de água. P

Darly O. Barros

Intenso toró
inundou a região.
Rãs à superfície. H

Flávio Ferreira da Silva

Encontrou no quarto
mariposa na parede.
Susto e admiração. V

Flávio Ferreira da Silva

O tempo abafado.
Esvoaça a mariposa
laranjal molhado. V

Iracema Gomes

A rua, de novo,
volta a ser movimentada.
Toró já passou. P

Manoel F. Menendez

Mariposas, lâmpada.
Na madrugada repousam,
todas, no teto. V

Manoel F. Menendez

Escrito na folha
de uva da parreira,
Feliz Natal! V

Mª App. Picanço Goulart

Às portas da loja,
aglomeração.
Toró. H

Neuza Pommer

Balouçando
entre presentes e bolas,
cartão de Natal. H

Neuza Pommer

Junto ao abajur
menina se assusta:
mariposa morta. H

Neuza Pommer

O mar agitado
é um aviso aos navegantes:
toró vem chegando! H

Renata Paccola

Mensagem de Paz,
Amor e Fraternidade.
Cartão de Natal. B

Roberto Resende Vilela

Pela encosta íngreme,
rolam folhas, paus e pedras.
Toró com granizo. P

Roberto Resende Vilela

Em busca de luz,
no fundo do globo ardente
jaz a mariposa. P

Roberto Resende Vilela

Há um quadro pendurado em meu lar:
três árvores desfolhadas, mais além
velhas toras abandonadas,
um capinzal ressequido, águas empantanadas
e, como num zimbório a se escoar,
o monocromo do sol a se deitar.

Fraco demais, o coração do artista,
para resistir às áspers exigências da fama,
ele morreu antes de brilhar a chama
do seu nome, ou a esperança sentir
do reino onde os sonhos têm maior porvir.

Mesmo assim, na pequena e modesta tela
que deixou, e que vejo diariamente,
ele deixou-me um legado permanente,
algo raro ficou: bem mais raro
do que a tela que pintou.

Pois as árvores, a grama e o entardecer
encerram qualidades mais finas que a pintura;
são um coração pulsante de ternura
que parece dizer: eu amo estas coisas,
elas não podem morrer.

E elas vivem então para despertar
do observador a vista,
porque falam com sutileza
de algo mais forte que técnica e beleza;
elas vivem para provar ao espectador
a imortalidade do amor

dizendo, dia a dia, em prece comovida:
ame, ame e deixe o resto entregue
ao seu destino, porque o amor terá sobrevivido
quando todas as outras coisas
tiverem desaparecido.

Helen Keller Wilcox 1880-1968 (Tradutor?)

Abre los ojos! Ya ha salido el sol. Mira el reloj!
No pierdas tiempo!...

Vivid para amar! Amad para vivir!

Creded en entendimiento.
Multiplicao en corazón!

– Señora:
tengo sed! Crucé el desierto de tu corazón.
Y ahora llevo a tus ojos...

En este oasis debo morir. Si quieres salvarme,
llora un hilo de agua celeste... El ideal

Julio Herrera y Reissig

ENTRADA

Distâncias somavam a gente para menos. Nossa morada estava tão perto do abandono que dava até para a gente pegar nele. Eu conversava bobagens profundas com os sapos, com as águas e com as árvores. Meu avô abastecia a solidão. A natureza avançava nas minhas palavras tipo assim: O dia está frondoso em borboletas. No amanhecer o sol põe glórias no meu olho. O cinzento da tarde me empobrece. E o rio encosta as margens na minha voz. Essa fusão com a natureza tirava de mim a liberdade de pensar. Eu queria que as garças me sonhassem. Eu queria que as palavras me gorjeassem. Então comecei a fazer desenhos verbais de imagens. Me dei bem. Perdoem-me os leitores desta entrada mas vou copiar de mim alguns desenhos verbais que fiz para este livro. Acho-os como os *impossíveis verossímeis* de nosso mestre Aristóteles. Dou quatro exemplos: 1) É nos loucos que grassam luarais; 2) Eu queria crescer pra passarinho; 3) Sapo é um pedaço de chão que pula; 4) Poesia é a infância da língua. Sei que os meus desenhos verbais nada significam. Nada. Mas se o nada desaparecer a poesia acaba. Eu sei. Sobre o nada eu tenho profundidades.

Manoel de Barros

1.
Sob o canto do bate-num-quara
nasceu Cabeludinho
bem diferente de Iracema
desandando pouquíssima poesia
o que desculpa a insuficiência do canto
mas explica a sua vida
que juro ser o essencial
– Vai desremelar esse olho, menino!
– Vai cortar esse cabelão, menino!
Eram os gritos de Nhanhá.

2.
Um dia deu de olho com a menina
com a menina que ficou reinando
na sua meninice.
Dela sempre trazia novidades:
– Em seus joelhos pousavam mansos cardeais...
Está com um leicção bem na polpa
quase pedi o carnegão pra isca de rubafo...
Dela trazia sempre novidades:
– A ladeira falou pro caminhão:
“pode me descer de motor parado, benzinho...”
Era o pai dela no guidão.

3.
Viva o Porto de Dona Emilia Futebol Clube!!!
– Vivooo, vivaaa, urra!
– Correu de campo dez a zero
e num vale de botina!
plong plong. bexiga boa.
– Só jogo se o Bolivianinho ficar no quíper.
– Tá bem, meu gol é daqui naquela pedra
plong plong. bexiga boa.
– Eu só sei que meu pai é chalaneiro
mea mãe é lavandeira
e eu sou beque de avanço
do Porto de Dona Emilia.
o resto não tô somando
com qual é que foi o índio
que frechou São Sebastião...
– Ai ai, nem eu.
Uma negra chamou o filho
e mandou comprar duzentos de anil.
– Vou ali e já volto já.
Mário-Maria do lado de fora
fica dando pontapés no vento.
– Dilisilima esse, Cabeludinho!
plong plong, bexiga boa
– Vou no mato passá um tiligrama...

4.
Nisso chega um vaqueiro e diz:
– Já se vai-se, Querío? Bueno, entonces
seja felizardo lá pelos rios de janeiros...
– Agradece seu Marcão, meu filho.
– Que mané agradecer, quero é minha funda
vou matando passarinhos pela janela do trem
de preferência amassa barro

ver se Deus me castiga mesmo.
Havia no casarão
umas velhas consolando Nhanhá
que chorava feito uma desmanchada
– Ele há de voltar ajuzado.
– Home-de-bem, se Deus quiser.
Às quatro o auto baldeou o menino pro cais.
Moleques do barranco assobiavam
com todas as cordas da lira.
– Té a volta, pessoal, vou pra macumba.

5.
No recreio havia um menino
que não brincava com outros meninos.
O padre teve um brilho
de descobrimento nos olhos
– POETA!
O padre foi até ele:
– Pequeno, por que não brinca
com os seus colegas?
– É que estou com uma baita dor de barriga
desse feijão bichado.

6.
Carta acróstica:
“Vovó aqui é Tristão
ou fujo do colégio
viro poeta
ou mando os padres...”
Nota: Se resolver pela segunda, mande dinheiro
para comprar um dicionário de rimas e um
tratado de versificação de Olavo Bilac e Guima,
o do lenço.

7.
Êta mundão
moça bonita
cavalo bão
este quarto de pensão
a dona da pensão
e a filha da dona da pensão
sem contar a paisagem da janela
que é de se entrar de soneto
e o problema sexual que, me disseram,
sem roupa alinhada não se resolve.

8.
Sou uma virtude conjugal,
adivinha qual é?
– Um jambo,
um jardim outonal?
– Não.
– Uma louca,
as ruínas de Pompéia?
– Não.
– És uma estátua de nuvens,
o muro das lamentações?
– Não.
– Ai, entonces
que reino é o teu, *darling*?
Me conta, te dou fazenda,
me afundo, deixo o cachimbo.
Me conta que reino é o teu?
– Não.
Mas pode pegar em mim
que estou uma Sodoma...

9.
Entrar na Academia já entrei
mas ninguém me explica
por que que essa torneira aberta
neste silêncio de noite
parece poesia jorrando...
Sou bugre mesmo
me explica mesmo
me ensina modos de gente
me ensina
a acompanhar um enterro de cabeça baixa
me explica por que que um olhar de piedade
cravado na condição humana
não brilha mais que anúncio luminoso?
Qual, sou bugre mesmo só sei pensar
na hora ruim na hora do azar
que espanta até a ave da saudade.
Sou bugre mesmo
me explica mesmo:
se eu não sei parar o sangue, que que adianta
não ser imbecil ou borboleta?
me explica por que penso naqueles moleques

como nos peixes
que deixava escapar do anzol
com o queixo arrebentado?
Qual, antes melhor
fechar essa torneira, bugre velho...
10.
Pela rua deserta atravessa um bêbado comprido
e oscilante
como bambu
assobiando...
Ao longo das calçadas algumas famílias
ainda conversam
velhas passam fumo nos dentes, mexericando...
Nhanhá está aborrecida com o neto
que foi estudar no Rio e voltou de ateu.
– Se é pra desaprender,
não precisa mais estudar.
Passa um cavalo solto no fim escuro da rua.
O rio calmo lá embaixo
pisca luzes de lanchas acordadas
Nhanhá choraminga:
– Tá perdido, diz que negro é igual com branco!

11.
A última estrela que havia no céu
deu pra desaparecer
o mundo está sem estrela na testa.
Foi o vento quem embrulhou minhas palavras
meteu no umbigo e levou pra namorada?
Eram palavras de protesto idiota!
Como o vento leva as palavras?
Me lembrar que o único riso solto que encontrei
era pago!
É preciso AÇÃO AÇÃO AÇÃO.
Levante desse torpor poético, bugre velho.
Enfim, Cabeludinho,
é você mesmo quem está aqui?
Onde estarão os seus amigos
do Porto de Dona Emilia?
Cabeludinho (Poemas concebidos sem pecado)

No aeroporto o menino perguntou:
– E se o avião tropical num passarinho?
O pai ficou torto e não respondeu.
O menino perguntou de novo:
– E se o avião tropical num passarinho triste?
A mãe teve ternuras e pensou:
Será que os absurdos
não são as maiores virtudes da poesia?
Será que os despropósitos não são
mais carregados de poesia do que o bom senso?
Ao sair do sufoco o pai refletiu:
Com certeza, a liberdade e a poesia
a gente aprende com as crianças.
E ficou sendo.

Exercícios de ser criança (Livros infantis)

Tenho um livro sobre águas e meninos.
Gostei mais de um menino que carregava água
na peneira.
A mãe disse que carregar água na peneira
era o mesmo que roubar um vento
e sair correndo com ele para mostrar aos irmãos.
A mãe disse que era o mesmo
que catar espinhos na água
o mesmo que criar peixes no bolso.
O menino era ligado em despropósitos.
Quis montar os alicerces
de uma casa sobre orvalhos.
A mãe reparou que o menino
gostava mais do vazio do que do cheio.
Falava que os vazios são maiores e até infinitos.
Com o tempo aquele menino
que era cismado e esquisito
porque gostava de carregar água na peneira
com o tempo descobriu que escrever
seria o mesmo que carregar água na peneira.
No escrever o menino viu que era capaz de ser
noviça, monge ou mendigo ao mesmo tempo.
O menino aprendeu a usar as palavras.
Viu que podia fazer peraltagens
com as palavras.
E começou a fazer peraltagens.
Foi capaz de interromper o vôo de um pássaro
botando ponto no final da frase.
Foi capaz de modificar a tarde
botando uma chuva nela.
O menino fazia prodígios.

Até fez uma pedra dar flor!
A mãe reparava o menino com ternura.
A mãe falou: Meu filho, você vai ser poeta.
Você vai carregar água na peneira a vida toda.
Você vai encher os vazios
com as suas peraltagens.
E algumas pessoas vão te amar
por seus despropósitos.

O menino que carregava água na peneira

Foi na fazenda de meu pai antigamente.
Eu teria dois anos; meu irmão, nove.
Meu irmão pregava no caixote
duas rodas de lata de goiabada.
A gente ia viajar.
As rodas ficavam cambaias debaixo do caixote:
uma olhava para a outra.
Na hora de caminhar
as rodas se abriam para o lado de fora.
De forma que o carro se arrastava no chão.
Eu ia pousada dentro do caixote
com as perninhas encolhidas.
Imitava estar viajando. Meu irmão
puxava o caixote por uma corda de embira.
Mas o carro era diz-que puxado por dois bois.
Eu comandava os bois:
– Puxa, Maravilha!
– Avança, Redomão.
Meu irmão falava que eu tomasse cuidado
porque Redomão era coiceiro.
As cigarras derretiam a tarde com seus cantos.
Meu irmão desejava alcançar logo a cidade –
porque ele tinha uma namorada lá.
A namorada do meu irmão
dava febre no corpo dele. Isso ele contava.
No caminho, antes, a gente precisava
de atravessar um rio inventado.
Na travessia o carro afundou
e os bois morreram afogados.
Eu não morri porque o rio era inventado.
Sempre a gente só chegava o fim do quintal.
E meu irmão nunca via a namorada dele –
que diz-que dava febre em seu corpo.

A menina avoada

O FAZEDOR DE AMANHECER

Fazer pessoas no frasco não é fácil
mas se eu estudar ciências eu faço.
Sendo que não é melhor do que fazer
pessoas na cama nem na rede.
Nem mesmo no jirau como os índios fazem.
(No jirau é coisa primitiva, eu sei,
mas é bastante proveitosa).
Para fazer pessoas ninguém ainda não
inventou nada melhor que o amor.
Deus ajeitou isso para nós de presente.
De forma que não é aconselhável trocar
o amor por vidro.

Quem não tem ferramentas de pensar, inventa.
O Amor

Sou leso em tratagens com máquina.
Tenho desapetite para
inventar coisas prestáveis.
Em toda a minha vida só engenhei
3 máquinas
como sejam:
Uma pequena manivela para pegar no sono
um fazedor de amanhecer
para usamentos de poetas
e um platinado de mandioca
para o fordeco de meu irmão.
Cheguei de ganhar um prêmio das indústrias
automobilísticas pelo Platinado de Mandioca.
Fui aclamado de idiota pela maioria
das autoridades na entrega do prêmio.
Pelo que fiquei um tanto soberbo.
E a glória entronizou-se para sempre
em minha existência.

O fazedor de amanhecer

A água lírica dos córregos não se vende em
farmácia. / Dentro da mata no entardecer o
canto dos pássaros é sinfônico. / Coisa de Deus!
a breve espera do rio para a passagem dos patos.
/ Para ser escravo da natureza o homem precisa
de ser independente. / Lugar onde lua entra
morcego desprefere.

Caderno de andarilho